

Percepção sobre Usuários de Drogas e Serviços Disponibilizados

Jacqueline Serafim de Freitas¹

Introdução

Este artigo discorre sobre aspectos da pesquisa (FREITAS, 2006)² realizada no município de Francisco Morato entre 2003 – 2004, e que teve como objetivo conhecer a compreensão sobre o uso de drogas, de diferentes setores da sociedade de Francisco Morato: representantes de Conselhos Municipais de Saúde, de Educação, de Segurança Pública, da Criança e do Adolescente e do Antidrogas, bem como moradores de Francisco Morato. Os dados baseiam-se em entrevistas e registros de observações de campo colhidas etnograficamente, conforme metodologia utilizada por Alba Zaluar (1986).

Será discutido o panorama constituído por diferentes serviços públicos e privados que lidam com o uso de drogas, no que se refere às suas concepções e intervenções que praticam; além da demanda por atendimento a usuários de drogas, principalmente dependentes que não são contemplados pelos serviços públicos municipais.

O lugar

Alguns dados sobre o Município analisado são importantes para a compreensão do contexto onde se desenrolam os discursos analisados. Segundo o IBGE (2004), Francisco Morato tem a população estimada em 149.096 habitantes, os quais são distribuídos, em termos de faixas etárias, da seguinte forma: 45,74%, entre 0 e 19 anos; 50,28%, entre 20 e 59 anos; e 3,98%, acima dos 60 anos.

Dados da Fundação Seade (2004) mostram que a taxa de analfabetismo da população maior de 15 anos é de 10,80%, a qual está situada bem acima da média do Estado de São Paulo, que é de 6,64%. Esses dados ainda mostram que há uma evasão de 30% entre os egressos do Ensino Fundamental e os ingressantes no Médio e que não há oferta de matrículas para o Ensino Superior.

Em relação à renda, o quadro é de pobreza. Os dados (SEADE, 2004) apontam que 20,43% dos moradores responsáveis pelos domicílios não têm rendimento e apenas 1,96% possuem renda maior do que dez salários mínimos.

Perspectivas de 'Onde se Olha'

"Tirar as pessoas das drogas": este pensamento, recorrente nas falas dos entrevistados, é remetido não só ao uso prejudicial à saúde, mas, sobretudo, aos riscos de morte relacionados a dívidas com traficantes.

O trabalho dos agentes comunitários é realizado com uma espécie de pacto de convívio entre a equipe do Programa de Saúde da Família e os traficantes. Isso significa que os agentes podem trabalhar, desde que não toquem na questão do tráfico de drogas na região em que atuam. Os agentes acabam até recebendo o apoio de traficantes e usuários para a realização de campanhas de saúde.

Como há escassez de recursos que sustentem as ações dos serviços de saúde, tanto para a prevenção ao uso de drogas como para a intervenção nos casos de dependência do usuário, a única referência parece ser o Conselho Municipal Antidrogas (COMAD). Ele oferece palestras em escolas e centros comunitários, atendimento em grupos de apoio na sua sede e realiza encaminhamentos de usuários dependentes de drogas para uma clínica de tratamento em outra cidade.

Assim, os usuários de drogas, dependentes ou não, são encaminhados pelos agentes comunitários de saúde ao COMAD. Entretanto, os membros deste Conselho se sentem isolados e se queixam da ausência de investimentos públicos na área de saúde para tratar os usuários dependentes e realizar o trabalho de prevenção ao uso.

Não é só a falta de outros serviços que torna o COMAD uma referência. Para alguns representantes de outros Conselhos Municipais (de Educação, de Saúde e da Criança e do Adolescente), trata-se de uma questão muito perigosa para eles abordarem, por isso, sentem-se seguros com a intervenção do COMAD. Cabe destacar, entretanto, que questões relacionadas à prevenção e ao uso de drogas não seriam responsabilidade exclusiva do COMAD; não apenas porque sua ação é limitada, mas porque há competências legais de outras instituições a serem cumpridas.

Os serviços que mais atendem à aspiração do usuário dependente, para abandonar o uso abusivo e prejudicial do álcool, são: a Associação Antialcoólica e o Alcoólatras Anônimos, segundo moradores da cidade. Os familiares e os próprios usuários parecem reconhecê-las como espaços de convívio entre pessoas que não se discriminam por causa de seu estado de dependência,

¹Psicóloga, Aprimoranda em Saúde Coletiva pelo Instituto de Saúde – Secretaria de Estado da Saúde de São Paulo. Contato: jacquelineserafim@yahoo.com.br

²Realizado para conclusão do Aprimoramento em Saúde Coletiva do Instituto de Saúde, sob orientação de Sandra Maria Greger.

que se apóiam e estimulam a busca da abstinência. A abstinência é vista como única meta e solução possível. Os casos de sucesso de abandono da dependência ou de resistência ao início do uso de drogas são associados também à participação em práticas religiosas. A opção por esses serviços é reforçada, segundo entrevistados, por experiências mal sucedidas de usuários de drogas nos serviços públicos de saúde.

É interessante notar que a solução para se deixar o uso prejudicial de drogas, apontada por vários entrevistados, é a pessoa negar tudo o que era quando fazia uso de drogas. Quase um “ignorar” de si mesmo. Como se o estigma do drogado tivesse envolvido toda a sua individualidade, o que propõe Velho (1981), referindo-se à categoria totalizante do “drogado”.

“Olhando Jovens e Não os Vendo”

As diversas falas dos entrevistados sobre a prevenção e o uso de drogas, embora partissem de lugares distintos na sociedade moratense, eram dirigidas predominantemente a um determinado público. Esse público é constituído, em sua maioria, por jovens e adolescentes, comumente pobres e marginalizados, excluídos socialmente das oportunidades de emprego, de acesso à educação, à saúde, à cultura e ao lazer.

Diversos Conselhos Municipais de Francisco Morato (de Educação, de Saúde, de Segurança Pública e da Criança e do Adolescente) forjam maneiras para convencer usuários de drogas a abandonarem um uso prejudicial ou extinguirem qualquer uso de drogas, preferencialmente, no entender deles. A ênfase dessa abordagem focaliza os prejuízos à saúde e às vidas familiar e social.

Há pouca ou nenhuma referência aos possíveis ganhos que os usuários teriam por meio do consumo de drogas. Essas vantagens podem ultrapassar o prazer promovido pelas drogas e atingir outras dimensões da vida. Ainda que sejam considerados ilusórios, é dentre os moradores envolvidos em trabalhos com os adolescentes que há uma compreensão empática da contrapartida que os jovens receberiam ao usar drogas ou ao trabalhar para o tráfico, como a maior visibilidade entre os colegas e a desinibição.

Feffermann (2004) ressalta a importância de estudar o ganho que os jovens obtêm no trabalho com tráfico de drogas, como o reconhecimento dentro de sua comunidade pelo posto que ocupam na hierarquia de comando do tráfico ou o aumento do poder aquisitivo de bens de consumo cobijados. Segundo a pesquisadora, tende-se a estigmatizar usuários e trabalhadores do tráfico, homogeneizando-os e ocultando a diversidade de motivações e razões sociais que levam jovens a usar drogas ou trabalhar no tráfico.

O acesso a discursos de origens distintas serviu para concluir que há a necessidade de se ouvir e considerar a multiplicidade de experiências de vida das pessoas e que

dão forma às suas compreensões sobre o uso de drogas. Baratta (1994) destaca que a promoção de circuitos comunicativos alternativos que valorizem a experiência direta das pessoas é fundamental como espaço democrático onde se elabora coletivamente as informações. O caminho para um projeto intersetorial, que envolva a colaboração de áreas diferentes, requer ampliar os espaços de debate e incluir mais sujeitos de pontos de vista e origens diversos para elaborar a questão de forma menos maniqueísta e mais estrutural.

Referências Bibliográficas

- BARATTA, A. Introdução a uma sociologia da droga. In: MESQUITA, F., BASTOS, I. B. (Org.). **Drogas e Aids:** estratégias de redução de danos. São Paulo: Hucitec, 1994. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Dados Populacionais** – Censo. Disponível em: <http://www.ibge.com.br/cidadesat/default.php.navegabilidade/padrão/Francisco_Morato.htm>. Acesso em 15/02/2004.
- FEFFERMANN, M. **Vidas arriscadas:** um estudo sobre os jovens inscritos no tráfico de drogas em São Paulo. 2004. Tese (Doutorado) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.
- FREITAS, J. S. **O uso de drogas e os sentidos construídos por moradores e conselheiros municipais de Francisco Morato:** é possível um projeto intersetorial? São Paulo: Instituto de Saúde, 2006. Trabalho de Conclusão do Curso de Aprimoramento do Instituto de Saúde. FUNDAÇÃO SEADE. **Informações dos Municípios Paulistas.** Disponível em: <http://www.seade.gov.br/cgi-bin/lingcv98/spd_01.ksh>. Acesso em 19/02/2004.
- VELHO, G. Duas categorias de acusação na cultura brasileira contemporânea. In: _____. **Individualismo e cultura:** notas para uma antropologia da sociedade contemporânea. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.
- ZALUAR, A. Teoria e prática do trabalho de campo: alguns problemas. In: Cardoso, R. (Org.) **A aventura antropológica:** teoria e pesquisa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.